



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de almoço oferecido pela presidente da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner**

**Buenos Aires - Argentina, 22 de fevereiro de 2008**

Excelentíssima senhora Cristina Fernández de Kirchner, presidenta da nação Argentina,

Excelentíssimo presidente Néstor Kirchner,

Excelentíssimo presidente Raul Alfonsín,

Excelentíssimo senhor Julio César Cleto Cobos, vice-presidente da nação Argentina,

Excelentíssimo senhor Eduardo Felner, presidente da Câmara dos Deputados,

Excelentíssimo senhor Ricardo Luiz Lorenzetti, presidente da Corte Suprema de Justiça,

Senhores governadores,

Senhor Maurício Macri, chefe do governo da cidade de Buenos Aires,

Senhores e senhoras ministros argentinos,

Companheiros ministros brasileiros que acompanham a minha delegação,

Meus amigos e minhas amigas,

Voltar a Buenos Aires, percorrer suas ruas, encontrar sua gente é sempre um prazer para um brasileiro, seja ele governante ou não. Para um presidente, como eu, que acompanhou nestes últimos anos o renascimento da Argentina, esta viagem se reveste de particular emoção.



Quero iniciar dizendo que é uma honra e uma grande alegria ser recebido pela presidenta Cristina Fernández, por seus ministros e pelas altas autoridades dos Poderes Legislativo e Judiciário deste extraordinário país.

A esperança que hoje anima os argentinos não é resultado de ilusões, não renasce da propaganda, não se alimenta de ardis ideológicos ou da retórica.

Esperança só existe quando as pessoas conseguem enxergar um novo horizonte e sentem, no seu cotidiano, que este horizonte é alcançável.

Argentina e Brasil são países com imensos desafios. O principal deles é garantir a homens e mulheres a dignidade que a realidade ainda lhes nega.

A presidenta Cristina e eu somos os primeiros a reconhecer isso. Mas, também, não concebemos a história como fatalidade. Ao contrário, a história de nossos países, nesta fase positiva que estamos vivendo, é construção humana na qual se articulam as ações dos governantes com a vontade do povo.

Por caminhos diversos, mas convergentes, deixamos para trás um passado que condenava nossas economias à recessão ou a um crescimento incompatível com nossas exigências sociais.

Por décadas, milhões de mulheres e homens em nossos países foram submetidos a experiências irresponsáveis que lançaram milhões na margem da sociedade. Pior do que isso, arrebataram suas esperanças.

Quando olho para a Argentina e o Brasil de hoje, sinto a mudança e, ao mesmo tempo, observo o imenso potencial para avançar ainda mais para construir o desenvolvimento e a prosperidade de nossos países.

Vejo que nossos povos compartilham o compromisso com a democracia e os direitos humanos.

Senhora Presidenta,

A aliança estratégica entre a Argentina e o Brasil é imprescindível para que alcancemos nossos objetivos nacionais, que só fazem sentido se forem tomados como parte de um projeto amplo de integração sul-americana.



Daí meu convencimento de que juntos temos de fortalecer o Mercosul e forjar uma integração consistente entre os países da América do Sul.

Mas temos responsabilidades maiores, sobretudo quando começa a se desenhar um mundo multipolar, regido pelos princípios do multilateralismo.

Juntos podemos lutar contra o protecionismo dos países desenvolvidos na Rodada Doha. Juntos podemos dar exemplo de estabilidade ao mundo, especialmente no momento em que a ciranda financeira em países ricos ameaça a economia mundial.

Senhora Presidenta, querida amiga,

Minha visita de Estado é ocasião não apenas para reafirmar a amizade inquebrantável e a relação imprescindível entre nossos países.

É a ocasião, sobretudo, para tomar decisões concretas, como fizemos hoje ao assinar a Declaração Conjunta, cujo objetivo é dar impulso a projetos emblemáticos de nossa relação estratégica.

Vamos lançar um satélite conjunto, desenvolver projetos na área nuclear. Vamos melhorar nossa integração física, cooperar mais em energia, desenvolver projetos conjuntos na área de defesa e construir um espaço regional integrado.

Vamos, além disso, continuar juntando nossas vozes aos que acreditam no multilateralismo e no fortalecimento do direito internacional, seguir trabalhando pela paz e pela tolerância entre nações e povos.

Minha cara amiga Presidenta,

Argentina e Brasil estão juntos hoje e estarão juntos amanhã. Nosso futuro está na integração. Estaremos juntos na defesa de nossas liberdades, na construção de nossa riqueza e na criação de condições sociais mais justas.

Eu sei que é um brinde e sei que o meu discurso tem que ser muito curto, e estou vendo pela fisionomia das pessoas que estão aqui que a fome já exige que eu termine meu discurso. Entretanto, eu preciso fazer dois minutos de improviso, antes de brindar.



Eu tive a oportunidade de conhecer o presidente Alfonsín, em momento de adversidade aqui na Argentina, conhecedor do papel que ele e o presidente Sarney fizeram para construir o Mercosul.

Tive a oportunidade de conhecer o presidente Duhalde, também em um momento difícil da Argentina, quando perguntei ao Duhalde: quem será o próximo presidente da Argentina? Só tinha gente conhecida do grande público e ele me disse: “Será o Néstor Kirchner. Eu perguntei: quem é Néstor Kirchner? Ele me disse: “É o governador de Santa Cruz, na Patagônia”. E alguns meses depois, Kirchner era presidente da Argentina.

Sejamos francos, uma Argentina desacreditada, uma Argentina com problemas que pareciam insolúveis e, poucos anos depois, mesmo para os descréditos, mesmo para aqueles que torcem o tempo inteiro para que as coisas não dêem certo, a Argentina recupera o seu extraordinário papel no cenário mundial, recupera a sua economia, recupera a auto-estima do povo argentino e este homem de Santa Cruz se transforma possivelmente, num dos marcos da história dos presidentes da Argentina.

Um dia, da mesma forma que perguntei para Duhalde, eu perguntei para o Kirchner: quem será o seu substituto aqui na Argentina, já que você disse que não vai concorrer às eleições? E ele me disse: “não posso falar, mas será a Cristina”. E hoje estou aqui visitando a Argentina, numa visita de Estado, tratado condignamente pela presidenta Cristina e pelo povo argentino.

Muitas vezes, o que faz um governante passar para a história não é apenas a sua inteligência intelectual, mas são os compromissos e as definições para quem queremos governar e de que lado estamos. Se bem que somos de todos, porque fomos eleitos para governar para todos, mas sempre tem um lado que precisa mais do Estado, que precisa mais do governo, que são as pessoas que não conseguem audiência, são a gente que muitas vezes não passa nem perto do palácio, mas são a gente que nos momentos mais difíceis que nós vivemos enquanto governantes, no anonimato, sem nos pedir nada,



são as pessoas que nos dão sustentação contra a incompreensão. Muitas vezes, uma parte da elite do nosso povo que não pensa em mudança, prefere viver com o errado – desde que o presidente seja do seu lado – do que viver com o certo, mesmo o presidente não sendo o seu.

Eu sei, Cristina, o que você passou na campanha aqui. Todos nós somos vítimas, às vezes, de preconceitos, e as mulheres são duplamente vítimas de preconceito. O desafio que você aceitou, de ser presidenta da Argentina, eleita no primeiro turno, sem sombra de dúvida, enaltece a alma da mulher sul-americana.

Outro dia eu dizia, num encontro no Brasil para os trabalhadores: se eu não desse certo no Brasil, iria demorar 150 anos para um operário voltar a pleitear a Presidência da República. Então, o meu compromisso não é com o meu mandato, o meu compromisso é despertar a consciência do povo, de que qualquer um pode se preparar e disputar os cargos que antes de mim eram de tão poucos.

Para você, Cristina, pesa a responsabilidade de provar, mais uma vez, que as mulheres precisam ocupar os espaços políticos que durante séculos foram negados às mulheres. A sua gestão, como tudo na vida da mulher, que sempre tem dupla jornada de trabalho, tem duplo compromisso. Primeiro, fazer melhorar ainda mais aquilo que vocês já conseguiram fazer no primeiro mandato de Kirchner. O povo espera isso, mas qual é o segundo desafio seu? É provar, você e Michelle Bachelet, que as mulheres não podem perder tempo, não podem pedir licença, autorização aos seus companheiros para serem presidentas. O seu papel é provar ao mundo e à Argentina que as mulheres estão igualmente preparadas, ou melhor preparadas, do que os homens para governar o seu país.

Eu estou confiante do êxito do seu governo, peço a Deus que seja maior do que o do Kirchner, como eu espero que o meu sucessor faça muito mais do que eu. Mas estou confiante, Cristina, que nós dois poderemos dar



continuidade à exitosa relação que o Kirchner e eu estabelecemos entre Brasil e Argentina. Sempre haverá disputas, sempre haverá interesses diferenciados, sempre teremos pequenas divergências. Mas a nossa grandeza em respeito às aspirações de argentinos e brasileiros, é provar que as pequenas divergências, as divergências de varejo, são muito menores do que as concordâncias que nós temos no atacado.

Por isso eu quero pedir a todos vocês um brinde, uma homenagem à companheira Cristina Fernández e ao povo argentino pela calorosa recepção e pelo belo acolhimento que deram à delegação brasileira.

Querida Cristina, que Deus te olhe com os olhos generosos do Criador, porque a Argentina já conheceu a bonança, já conheceu a pobreza, e a Argentina está tendo uma chance extraordinária. Todos nós, argentinos, em primeiro lugar, e sul-americanos, em segundo lugar, temos a obrigação de contribuir para que a Argentina e a América do Sul conheçam o desenvolvimento e a justiça social que uma parte pequena do mundo já conheceu.

Por isso, felicidades, companheira Cristina.

(S211B)